

5. Gênero, Sexualidade e Religiões

O filme *Tatuagem e as novas Masculinidades: entendendo o Cinema Queer* como um espaço favorável de crítica

Bruno Azzani Braga¹

Marco Antonio de Barros Junior²

I. INTRODUÇÃO

Entre diferentes perspectivas, oriundas de distintas situações, contextos históricos e socioculturais, abre-se um leque de possibilidades de análises sob um objeto cinematográfico. Nesta pesquisa, as lentes se viram para o filme *Tatuagem* (2013), do diretor pernambucano Hilton Lacerda, reconhecido por retratar as mazelas e as dores do Brasil em produções de sua autoria. Como pudemos analisar, as décadas de 80 e 90 têm uma multiplicidade de narrativas (MOGROVEJO, 2020, e MARCONI, 2021) que começam gradualmente sair dos ciclos alterativos e ganham espaço nas veiculações do cotidiano, nesse momento uma série de símbolos foram sendo tensionadas, uma delas a construção das masculinidades e seu processo de formação enquanto ensinamentos para novas gerações do que é ser “Homem”. O que se entende quanto cinema *queer* ou New Cinema Queer foi e é um desses locais que possibilitam essas tensões e quando analisamos o Brasil, obras como *tatuagem* (2013) conseguem sublimar a discussão e nos questionar: como estamos construindo a masculinidade no Brasil? O pano de fundo para a película são os anos derradeiros da Ditadura Militar, entre 1978 e 1979, que marca o fim do AI 5. Na trama, dois mundos se apresentam: de um lado, um artista de uma trupe de teatro da capital, do outro, um soldado interiorano de 18 anos. Nesta pesquisa as autorias se debruçaram em entender esses efeitos das masculinidades pela cartografia sentimental dessa película, os protagonistas à

¹ Mestre em Comunicação pelo PPGCom/Uel, PUCPR (Professor/Auxiliar) e E-mail: brunoazzanibraga@gmail.com.

² Mestrando no Programa de Mestrado em Comunicação da Uel (PPGCom/Uel), Uel (Estudante) e E-mail: marcoantoniobarros14@gmail.com.

primeira vista com pontos antitéticos, se misturam, se entrelaçam, encontram-se em uma encruzilhada da vida com um anseio importante em comum: ser livre.

II. METODOLOGIA OU ANTI-METODOLOGIA

Para a análise do filme nesta pesquisa as autorias se debruçaram em uma perspectiva decolonial ou Anti-colonial na construção de saberes. Visto que a pesquisa da cartografia é uma proposta metodológica que sofre resistência em seu uso em áreas como a comunicação (ROSÁRIO, 2022), propomos demarcar esse tensionamento para repensar na forma de construção de saberes. Como Gloria E. Anzaldúa (2000) alega em sua carta para as mulheres do terceiro mundo, a importância de desenvolver uma experiência de ciência que encarne as subjetividades com valia. A cartografia é uma exploração metodológica; seu sentido clássico se concentra na demarcação geográfica de mapas e cartas, contudo nesse contexto o que se mapeia são os signos, discursos e afetações (CORREA, 2009), sobretudo a cartografia sentimental que observa esses espaços como paisagens psicossociais analisando sua construção e perda de sentido (ROLNIK, 2011). Pensando no contexto da América Latina interpelado pela colonização e sua reprodução em colonialismos diários (QUIJANO, 1985), pode-se entender essa metodologia, ou anti-metodologia (MOREIRA, 2011), como a possibilidade de quebra de paradigmas desse dispositivo colonial (AGAMBEN, 2009) tensionando a forma de produção científica dos últimos séculos.

III. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 1 - O CINEMA QUEER / CUIR

A história do cinema brasileiro em poucos momentos oportunizou uma lembrança de personagens e temáticas *queer* em seus memoriais. Algumas pesquisas que debruçaram nessa tarefa de demarcar a existência dessas obras optaram pela estratégia de catalogação de personagens LGBTQIAPN+ e/ou pessoas com identidades desviantes da heteronormatividade (MARCONI, 2021), conceito de Butler (2019) a respeito das performatividades sexuais hegemônicas. Atualmente uma série de pesquisas no campo *Queer* procura analisar tanto um efeito de criação na construção das narrativas e técnicas que tensionam as formas de produção mais

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

hegemônicas, como temáticas que propiciem a discussão de outras pautas. Para Marconi (2021) esse é um exercício que expande o campo de estudo da visualidade queer explorando em profundidade novos campos, contudo vale reforçar que a explícita declaração de uma identidade desviante não é fator suficiente para uma obra ser *queer* per-se, é necessário que sua produção também tenha o efeito, pois como já poderia comentar Foucault (1985) os efeitos discursivos que interpelam os corpos, os disciplinam a tal ponto que reproduzem as condutas e falas do que lhes foi demarcado. Um importante efeito inclusive é desenvolver uma crítica a própria terminologia *queer* entendendo que o uso da escrita cuir não é um simples aportuguesamento (MOGROVEJO, 2020). O *locus* brasileiro tem sua construção de cinema cuir sendo integrado pelos ativismos e militâncias, especialmente os movimentos a partir do ano de 2010 que colocaram em pauta debates como antirracismo, feministas e LGBTQIAPN+ (BESSA, 2014).

IV. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 2 - MASCULINIDADE(S)

Antes de adentrarmos na análise se demonstrou necessário fundamentar o que estes pesquisadores estão entendendo enquanto Masculinidades, visto que a profundidade dos estudos desse tema não é em si unívoca. Quando pensamos nas interseccionalidades com o tema podemos encontrar vários demarcadores que tensionam e delimitam conceitos, como a questão racial (ALZANDÚA, 2005), o qual o filme carece de discussão.

Como bem relata Corbin et. al.(2013), a construção das masculinidades vem sendo uma formação plural em múltiplos níveis que em cada época e local terão suas variações. Seu caráter político se constrói e organiza-se em paralelo à dominação e a violência simbólica das histórias das feminilidades (BOURDIEU, 2003); a dominação do homem é tão imbuída no cerne de nossa sociedade que dificilmente conseguimos colocá-la em questão.

Enquanto em termos psicanalíticos, o próprio rechaço a mãe e desprezo das mulheres será dada como uma condição necessária para quebra da fase edípica, ou seja, a construção e estabilização do “eu” começa a partir do ódio ou aversão ao feminino (CHODOROW, 1978). O filme Tatuagem (2013) tensiona esses locais das

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades,
Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

masculinidades, o que poderíamos caracterizar enquanto divergentes, e abre a discussão do processo de formação simbólica do que é ser homem pelo olhar e interação da criança. Simone de Beauvoir (1980) acredita que homem e mulher nascem iguais, porém, para a autora, é a partir do desenvolvimento do indivíduo ainda na fase infantil que a dominação masculina se aflora.

V. ANÁLISE

Uma história de amor entre dois homens contada pelo cinema, ainda hoje é algo a ser celebrado. Em *Tatuagem*, lançado em 2013, mas que visita o fim dos anos 70, nos deparamos com Clécio e Fininho, que compartilham a construção de um sentimento que extrapola a paixão carnal com o público. As trocas de olhares, a pele com pele, o romance, o sexo nu e sem pudor, tudo inquieta o espectador que vê diante de seus olhos o declínio da ditadura em um *frame* com dois homens que se desejam. Além do poder imagético do queer, aqui, o simbólico também é grandioso. Renan Quinalha (2021) explica que a partir de 1964, a liberação sexual e de costumes que dava os primeiros passos no Brasil, retrocedeu e, em certos casos, até mesmo desapareceu nas duas décadas adiante, já que a forte repressão e a violência aos corpos que não se enquadraram à normatividade vigente, que bebia da fonte do conservadorismo, inclusive com influência das instituições Estado e Igreja.

A concepção de família também é tensionado nesse filme, sendo apresentado pelos olhos do filho, Tuca, da mãe solteira (Deusa) e seu pai Gay (Clécio). A tensão é constante, pois a educação da criança se dá pela construção de um homem fundamentado na base amorosa, quase como uma catarse para com o vivido pelos homens, nesse sentido de ser livre e amar quem o desejo desperta, que o corpo fala. Deusa entende que para além de uma criação libertária, e aqui podemos ver como o pai relega à mãe a educação mais incisiva do filho ou até mesmo podemos pensar em um abandono rústico, uma educação e defesa (LOURO, 1997, e PRECIADO, 2013) de outro tipo de masculinidade que seja não violenta se faz necessária, pois seria o oposto do que a ditadura gostaria e provoca: a família da moral e dos bons costumes (QUINALHA, 2021), fundamentado nos valores cristãos

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades,
Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

(PRESTES, 2014), que serviu como base para o autoritarismo e os discursos dos militares fundamentados em possíveis ameaças ao seio familiar, este, que para eles, estaria em risco pelos opositores do regime. Apesar de contra hegemônico, a obra carece da discussão dos privilégios masculinos do homem branco em detrimento do negro, principalmente em uma sociedade que escolhe o homem branco como vítima e o homem negro como vilão (Restier e Souza, 2019).

VI. CONCLUSÃO

Como podemos perceber, a construção de outras masculinidades é um processo que envolve múltiplos sistemas e interseccionalidades, principalmente quando consideramos que as instituições que regem o governo no Brasil têm como herança uma masculinidade viril e violenta. Não obstante, hoje, apesar dos avanços no que se referem às discussões e práticas de gênero e sexualidade, ainda convivemos com os fantasmas da repressão da ditadura. Sendo assim, a formação de outros símbolos como do feminino enquanto frágil e dócil se tornam fundantes para manutenção das masculinidades, e o processo de ensinar a outras corporalidades é necessária para sua perpetuação. Logo, o processo de convivência e experimentação com construções que borram o sentido hegemônico e aliado uma autocrítica das reproduções da misoginia no interior dessas relações fazem ressalva que tanto a construção de contra narrativas é um possibilitador para tanto. Cinema Cuir potencializa esse processo de formação de outras imagens dos masculinos, como em Tatuagem (2013), que nos oferece outro mundo cabível para convivermos com o respeito e o amor possível em todas as suas formas, sem interferências de dispositivos de controle como religião e Estado.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.1, p. 229-236, 2000.

AGAMBEN, G. O que é um dispositivo? In.: **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORBIN, Alain; COURDINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). **História da virilidade. A invenção da virilidade, da antiguidade às Luzes v.1**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. Revista de História da UEG. Morrinhos, v.8, n.1, jan./jun. 2019.

CHODOROW, N. **The Reproduction of Mothering**. Psychoanalysis and the Sociology of Gender, Berkeley. Berkeley: University of California Press, 1978.

CORREA, M. R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos**. São Paulo: Ed.USP, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MARCONI, D. **Ensaio sobre autoria queer no cinema brasileiro contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

MOREIRA, R. **Projeto Maluco Beleza: a comunicação como dispositivo terapeutizante de (re)significação de sentido de vida, no contexto da reforma psiquiátrica**. Escola de Comunicação e Artes, USP, 2011.

MOGROVEJO, N. **O queer, as mulheres e as lésbicas na acadêmica e no ativismo de Abya Yala**. Em: Hollanda, Heloísa Buarque. Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020

PRESTES, L. (s.d.). ILCP - Instituto Luiz Carlos Prestes. Disponível em: www.ilcp.org.br. Acesso: 29 de jun de 2024.

QUIJANO, A. **Las ideas son cárceles de larga duración, pero no es indispensable que permanezcamos todo el tiempo en esas cárceles**. David y Aníbal Quijano em seu labirinto. Sociologias, Porto Alegre, ano 21, n. 52, set-dez 2019, p. 240-269, 1985

QUINALHA, R. **Contra a moral e os bons costumes: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo. **Diálogos Contemporâneos sobre homens negros e masculinidade**. Ciclo Continuo, 2019.

ROSÁRIO, N. M.; Araújo, A. C.S. **Apresentação**. InTexto, v. 54, p. 1, 2022.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

PRECIADO, P. B. **Qui defend l'enfant queer?** Libération. 2013.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná